

SEXO E INFORMAÇÃO: SENTIDOS E INTERDIÇÕES

PREVIATTI, Jackeline.¹
CARMO, Alex Sandro de Araujo.²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a coluna “*Fatos sobre o HPV*”, da editoria “*Tudo sobre sexo*”, da revista *Atrevida*. A coluna é basicamente destinada a esclarecer dúvidas sobre sexo de seu público leitor, adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos, que sente vergonha de tratar o assunto com os pais. A parte teórica do trabalho se fundamenta na Análise do Discurso, na linha de estudos de Orlandi (2009), que permitiu, a partir de relações interdiscursivas, verificar os efeitos de sentido de tal publicação. Outros pontos teóricos são relativos aos conceitos de jornalismo de revista e jornalismo segmentado. No processo analítico, a ênfase se recaiu sobre questões pertinentes à educação sexual e aos temas/tabus sobre sexualidade. Dessa forma, acredita-se que foi possível verificar, ainda que o periódico se coloque na posição de esclarecedor sobre a problemática da sexualidade, que as informações sobre a educação sexual são atravessadas pelas ideologias e pelas interdições da determinação história dos processos de significações sobre a temática: sexo.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, revista *Atrevida*, jornalismo de revista, educação sexual.

1. INTRODUÇÃO

Contextualizando, o termo adolescência, para Cavalcanti (*apud* Cano *et al*, 1998, p. 91), é uma fase de crescimento e transformações englobando fatores psicológicos, biológicos e sociais do indivíduo que está entre a infância e a vida adulta.

Nas últimas décadas, a adolescência vem sendo tratada como um objeto de estudo por diferentes pesquisadores. Essa importância se deu por diversos fatores, entre eles, a maior liberdade sexual decorrente a partir dos movimentos sociais, como a Revolução Sexual iniciada na década de 50, e o aparecimento da AIDS (CANO *et al*, 1998, p. 91).

De acordo com o Programa de Saúde do Adolescente – PROSAD, o jovem é um ser idealista, curioso e contestador, o que faz com que ele tenha sentimentos de necessidades e de desafios, que podem ser associados à falta de vivência, podendo levá-lo a condutas de risco. “A mudança em seu estilo de vida o torna suscetível à violência, aos acidentes, ao uso de drogas, a uma gravidez indesejada, entre outros” (CANO *et al*, 1998, p. 92). Portanto, ainda segundo os autores, as mudanças biopsicossociais configuram um agravante de vulnerabilidades sociais e, assim, os adolescentes passam a merecer maior atenção em termos de saúde.

¹Acadêmica do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo Centro Universitário FAG. jackpreviatti@hotmail.com.

²Professor orientador. alexaramo@yahoo.com.br

Dessa maneira, a solução para muitos jovens é a educação sexual. Hodiernamente, se tem falado muito sobre sexo, mas ainda é preciso falar muito mais, principalmente de maneira clara e de forma adequada.

As questões sobre virgindade, doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, menstruação, orgasmos entre outros assuntos do gênero são temas particularmente ainda muito evitados pela sociedade. Sendo assim, poucos questionam a sua importância e conseguem romper a barreira do tabu conversando abertamente. Ainda assim, muitas vezes a marginalização do sexo está implícita no vocabulário, quando para tratar de sexo a sociedade se dispõe de termos pejorativos.

Para Organização Mundial de Saúde (OMS), o sexo é tão vital para a saúde quanto comer, dormir e fazer exercícios, sendo um pilar importante para a qualidade vida³. Ou seja, a sexualidade é uma maneira de cada pessoa se identificar, relacionar, ter emoções, possuir sentimentos; sendo assim, está presente na vida do ser humano desde as primeiras descobertas na infância.

Porém, o assunto é tratado com muitas ressalvas. A confirmação disso é as pesquisas mostrarem as dificuldades das mulheres em sentir prazer e os problemas que os jovens têm ao iniciarem uma vida sexual livre de preconceitos e bem informados.

Para Carmita Abdo⁴, a educação sexual adequada seria uma solução para uma série de problemas futuros, já que, na teoria, é um processo que visa a esclarecer aos adolescentes as responsabilidades de iniciar uma vida sexual, incluindo os assuntos de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Essa educação sexual deve ser papel inclusive dos pais e da escola.

Cabe então, no discurso dos pais, solucionar as dúvidas dos filhos da maneira mais natural possível e visar o sexo com segurança para evitar uma série de problemas. Como por exemplo, problemas com vergonha, aceitação de gênero sexual e transformações com seu corpo.

Na escola, a educação sexual é tematizada através de propostas curriculares, programas sociais, matérias de jornais e políticas públicas (ALTMANN e MARTINS, 2009).

[...] seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que dele falem os educadores, os médicos, os administradores e os pais; ou, então, falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discursos que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas,

³ Texto extraído da Revista “Viva Saúde”. São Paulo, n.9, janeiro. 2005.

⁴ Informação retirada do Portal “Saúde Plena”. Disponível em:

<http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2013/10/13/noticia_saudeplena,145955/vamos-falar-de-sexo-especialistas-orientam-que-educacao-sexual-deve-c.shtml>. Acesso em: 05 de mar. De 2016.

um saber que lhes escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos controles à multiplicação dos discursos (FOUCAULT *apud* ALTMANN e MARTINS, 2009, p. 64).

Entretanto, a orientação na escola acaba sendo generalizada e pouco trabalhada e, em casa, muitas vezes, os pais evitam tal assunto com os filhos ou têm dificuldades em abordar o tema. Então, os jovens nessa situação buscam meios alternativos para esclarecer suas dúvidas, como em *sites*, livros, amigos e revista. Esses meios tentam esclarecer questões sobre as transições da adolescência e questões sexuais. No entanto, esses meios não possuem informação aprofundada sobre o assunto.

Assim, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PNSE) feita em 2012 e divulgada pelo IBGE, quase 30% dos estudantes brasileiros na faixa etária de 13 a 15 anos de idade já tiveram relação sexual alguma vez na vida. A pesquisa ainda aponta que a precocidade da iniciação sexual se dá a partir da grande quantidade de estímulos que eles recebem por meio da *internet*, televisão e revistas.

A revista *Atrevida* é um desses meios alternativos pelos quais os adolescentes buscam resolver suas dúvidas. O periódico existe no mercado desde 1995, é publicado pela editora Escala mensalmente com uma tiragem de 82.500 exemplares, sendo, com 300 mil leitores mensais. Com 130 páginas, é a revista *teen* com mais páginas no Brasil. A revista *Atrevida* também é uma das 15 revistas mais lidas no país, de acordo com a pesquisa encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) e realizada pelo Ibope (informação retirada do seu *mediakit*)⁶.

No *website* da editora⁷, a *Atrevida* se define como a revista que “busca atender a todas as necessidades e interesses da garota na adolescência: entender seus conflitos e inseguranças e se relacionar melhor com o grupo de amigos e a família, dividindo as descobertas próprias de uma das fases mais instigantes da vida”, ou seja, é composta por assuntos de entretenimento, matérias de comportamento com assuntos que são tendência no mundo *teen*. De acordo com o *mediakit* da revista *Atrevida*, em seu editorial a revista afirma que visa a conscientizar as adolescentes sobre questões relacionadas ao meio ambiente, orientação sexual e responsabilidade social, com uma linguagem direta e sem complicações para facilitar o entendimento das leitoras. Ainda coloca que possui um grande diferencial, por ser a revista *teen* que oferece o maior número de páginas.

Na perspectiva de compreender se a revista *Atrevida* fala claramente sobre sexo e se realmente responde às questões sobre o assunto para seu público leitor, adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos, o presente artigo analisará o objeto de estudo: a coluna “*Fatos sobre o HPV*”, da

editoria “*Tudo sobre sexo*”, da revista em questão. A edição abordada será a 257 do mês de fevereiro de 2016.

Para obter tais resultados, será utilizada a teoria da Análise do Discurso, de orientação francesa (doravante, AD). Como base para a análise, também serão estudados e abordados conceitos relacionados ao jornalismo de revista e jornalismo segmentado e artigos sobre orientação sexual para jovens. Desse modo, serão perceptíveis as interpretações e construções ideológicas presentes na editoria de sexo da revista, salientando como se obtém o entendimento do público leitor, devido a sua bagagem histórica e cultural. Portanto, é relevante que os acadêmicos, futuros jornalistas, observem com um olhar crítico as eventuais falhas e acertos da editoria e compreenda que o assunto sexo pode e deve ser tratado com mais aprofundamento.

2. APONTAMENTOS SOBRE JORNALISMO DE REVISTA

Segundo Scalzo (2004, p. 19) a história das revistas começa em 1663 na Alemanha, com a primeira revista que se têm registros históricos a chamada *Erbauliche Monats-Unterredungen* em tradução seria *Edificantes Discussões Mensais*. A revista possuía as características de um livro, no entanto ela foi considerada revista por trazer vários artigos sobre um mesmo assunto, teologia. Além disso, os periódicos possuíam um público específico e eram impressos periodicamente.

E então, nas palavras de Scalzo (2004, p. 19), “Como tudo que é inovador, inspirou publicações semelhantes pelo mundo”.

Embora essas publicações não tenham recebido de imediato o nome de “revista” e mesmo sendo muito semelhantes aos livros elas traziam o diferencial de serem produzidas para públicos específicos, além de seu conteúdo ser bem mais aprofundado do que um jornal impresso diário (SCALZO, 2004).

Continuando ainda nos apontamentos de Scalzo (2004), em 1731, inicia em Londres a primeira revista mais parecida com o modelo que conhecemos hoje, a *The Gentleman’s Maganize*. Publicada por Edward Cave, a revista *The Gentleman’s Maganize* é considerada a primeira revista moderna, sendo a primeira vez que a palavra “magazine” fora usada para esse tipo de publicação. O periódico trazia em suas páginas muito entretenimento, incluindo ensaios, textos de ficção e

poemas. Porém, o seu conteúdo não se restringia apenas a isso, havia comentários e críticas a respeito da política da época⁵.

Assim, ao longo do século XIX, a revista ganhou espaço e passou a ditar a moda.

Com o aumento dos índices da escolarização, havia uma população escolarizada que queria ler e se instruir mais não se interessava pela profundidade dos livros, ainda vistos como instrumentos da elite e poucos acessíveis. Com o avanço técnico das gráficas, as revistas tornaram-se o meio ideal, reunindo vários assuntos em um só lugar e trazendo belas imagens para ilustrá-los. Era uma forma de fazer circular, concentradas, diferentes informações sobre novos tempos, a nova ciência e novos assuntos que se abriam para uma população que começava ter acesso ao saber. A revista ocupou assim um espaço entre o livro (objeto sacralizado) e o jornal (que só trazia o noticiário ligeiro). (SCALZO, 2004, p. 20).

Com o público consumindo mais, houve uma melhoria da qualidade dos impressos e, conseqüentemente, aumento de suas tiragens, atraindo anunciantes dispostos a enunciar seus produtos para um público cada vez mais amplo. Com isso, os negócios em revistas foram crescendo e se encaminhando para o qual conhecemos hoje (SCALZO, 2004, p. 20).

2.1 A HISTÓRIA DAS REVISTAS NO BRASIL

Baptista e Abreu (2010) apontam que as revistas vieram ao Brasil com a corte portuguesa, logo no início do século XIX. A autorização para ser impressa em território nacional veio através da permissão para a instalação da editora Impressão Régia, que foi instalada na cidade do Rio de Janeiro pelo decreto de 13 de maio de 1808. Esse sistema de impressão era filial da editora (de mesmo nome) da cidade de capital Lisboa⁶.

No entanto, a primeira revista que se tem conhecimento é *As Variedades* ou *Ensaio sobre a Literatura*, de 1812, originada na Bahia, que seguia os modelos de revistas do mercado editorial de outros países, ou seja, com a “cara e jeito de livro” (BAPTISTA e ABREU, 2010, p. 2).

Scalzo (2004) traz os seguintes apontamentos sobre a revista *As Variedades*.

⁵ Informação retirada da revista Mundo Estranho da editora Abril. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiram-as-revistas>>. Acesso em: 18 de mar. de 2016.

⁶ Informação sobre a Impressão Régia, retirada da Coordenação Geral de Documentos: Mapa Memória da Administração Pública Brasileira. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2733>>. Acesso em: 20 de mar. de 2016.

[...] discursos sobre costumes e virtudes sociais, algumas novelas de escolhido gosto e moral, extratos de história antiga e moderna, nacional ou estrangeira, resumo de viagens, pedaços de autores clássicos portugueses – quer em prosa, quer em verso – cuja leitura tenda a formar gosto e pureza na linguagem, algumas anedotas e artigos que tenham relação com os estudos científicos propriamente ditos e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir importância das novas descobertas filosóficas (SCALZO, 2004, p. 27).

Ainda segundo Scalzo (2004), no ano seguinte surge a segunda revista publicada no Brasil, a *Patriota*, cujo próprio nome já sugere o tema da revista: propunha-se a anunciar os autores e temas da terra. No período em que a revista estava no mercado, ela recebia grande apoio dos seus colaboradores, a elite intelectual. Com o crescimento desses periódicos, em 1822, a elite brasileira ampliou seu foco criando o periódico *Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura*, uma revista pautada por vários campos do conhecimento humano tendo apoio de médicos, engenheiros, cientistas e militares.

Com o intuito de difundir as revistas científicas, surge a primeira segmentação da época em 1827. *O Propagador das Ciências Médicas* era um periódico dedicado aos novos médicos que começavam a atuar no Brasil. Seguindo nesse ano, surge a publicação da que seria a pioneira das revistas femininas, a *Espelho Diamantino*, revista para as “senhoras brasileiras” que tratava sobre política, teatro, belas artes, moda e literatura. Segundo Scalzo (2004, p. 28), o veículo surgiu para “deixar a mulher à altura da civilização e de seus progressos”.

Baptista e Abreu (2010, p. 3) apontam que outro tipo de publicação que se destaca entre o final do século XIX e início do século XX “são as chamadas ‘galantes’, revistas totalmente voltadas para o público masculino que mesclavam política, sociedade, piadas, caricaturas, desenhos, contos e fotos eróticas. A publicação pioneira foi *O Rio Nu*, lançada em 1898”.

Porém, de acordo com Scalzo (2004, p. 28), “todas essas publicações têm vida curta. Sofrem com a falta de assinantes e de recursos. Algumas saíram apenas uma vez, com baixíssimas tiragens, outras duas ou três. No máximo, durou um ano ou dois”.

Essa mudança de permanência das revistas junto ao seu público leitor começa em 1837 com o lançamento do periódico *Museu Universal*, pautado por temas das experiências das Exposições Europeias e escrito de uma maneira leve e descontraída, trazendo cultura e entretenimento para uma parcela da população que havia recém sido alfabetizada. Outra inovação na revista foram as ilustrações que a revista trazia em suas páginas (SCALZO, 2004, p. 28).

Com essa fórmula – que era a cópia das magazines europeus – e o avanço das técnicas de impressão, o jornalismo em revista brasileiro encontra um caminho para atingir mais leitores e, assim, conseguir se manter. Na mesma linha de *Museu Universal*, surgem *Gabinete da Leitura*, *Ostensor Brasileiro*, *Museu Pitoresco*, *Histórico e Literário*,

Ilustração Brasileira, O Brasil Ilustrado e Universo Ilustrado. E até mesmo as revistas eruditas, como *Íris, Guanabara e O Espelho* incluindo imagens e amenidades (SCALZO, 2004, p. 28).

Assim, a era das revistas de variedades no Brasil teve início efetivamente em 1849, com a publicação de *A Marmota da Corte*, periódico que lotava a revista de ilustrações, textos mais curtos e de humor, por ser uma forma de atrair leitores, incluindo os não alfabetizados. (BAPTISTA e ABREU, 2010).

Nesse novo contexto, alguns nomes como “Henrique Fleuiss, de *Semana Ilustrada*, e Ângelo Agostini, de *Revista Ilustrada*, fazem escola e inauguram por aqui um jeito divertido de dar notícias e fazer crítica social e política” (SCALZO, 2004, p. 29).

A *Semana Ilustrada* foi o veículo de comunicação encarregado pelas primeiras fotos publicadas em revistas no território nacional. A mais famosa foi em 1864, a qual trouxe fotos dos campos de batalha da Guerra do Paraguai (BAPTISTA e ABREU, 2010).

Então, no início do século XX, na chamada *Belle Époque*, ocorrem diversas transformações científicas e tecnológicas que refletem na vida das pessoas e na remodelagem das cidades (SCALZO, 2004).

Conforme as autoras Baptista e Abreu (2010), a crescente evolução das indústrias no país faz com que comecem a surgir as mais distintas publicações. A fotografia, por exemplo, passa a ter um lugar de destaque junto aos periódicos. “Em 1900, surge *A Revista da Semana*, especializada em fazer reconstituições de crimes em estúdios fotográficos instaurando, assim, no mercado brasileiro de revistas, um modelo que veio para ficar: veículos recheados de ilustrações e fotos atraentes aos olhos do consumidor”. (BAPTISTA; ABREU, 2010, p. 4).

Segundo Scalzo (2004), nessa época das proliferações dos gêneros, as publicações começam a se dividir entre variedade e cultura.

Há inúmeros grupos de intelectuais, das mais variadas tendências que fundam sua própria revista – entre elas, a *Klaxon*, que divulgou ideias sobre a *Semana da Arte Moderna*, de 1922. Nas revistas de variedades, as caricaturas continuavam em alta e surgem talentos como J. Carlos, K. Lixto e Raul, até hoje considerados grandes mestres dos gêneros (SCALZO, 2004, p. 29).

Sobre esse contexto de expansão, Scalzo (2010, p. 30) traz a revista o *Cruzeiro* como um fenômeno editorial, criada pelo jornalista Assis Chateaubriand no ano de 1950. Baptista e Abreu (2010, p. 5) afirmam que o *Cruzeiro* apresentava grandes reportagens e que, com fotojornalismo, a revista alcançou a marca de 700 mil exemplares por semana. Chateaubriand buscava uma

publicação que não apenas atingisse o território nacional, mas também a América do Sul. Então, Chateaubriand e sua equipe prepararam o que hoje denominaríamos de ação de *marketing* de guerrilha para apresentar a revista à população do Rio de Janeiro.

2.2 EDITORIAS DE REVISTA

Na contextualização do editor espanhol Juan Caño, a revista é como uma história de amor entre o leitor e o enredo. Como toda relação, ela é feita de confiança, expectativas, idealizações, credibilidade, erros, pedidos de desculpas, acertos, elogios, brigas e reconciliações (SCALZO, 2004, p. 12).

Revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido ajuda a construir uma identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo. [...] Não é à toa que leitores gostam de andar abraçados às suas revistas – ou de andar com elas á mostra – para que todos vejam que eles pertencem a este ou àquele grupo (SCALZO, 2004, p. 12).

Portanto, entre inúmeras maneiras de fazer jornalismo, a revista talvez seja a que mais proporciona liberdade de criação e também permite ser próxima do leitor (MOLENA, 2015, p. 7). Scalzo (2004, p.12) também aponta que a revista é capaz de unir a educação e entretenimento trazendo “gravuras e fotos que serviam para distrair seus leitores e transportá-los a lugares aonde jamais iriam”, assim como ajudou “na formação e na educação de grandes fatias da população que precisavam de informações específicas, mas que não queriam – ou não podiam – dedicar-se aos livros”.

Diante disso, surge a segmentação por assunto e público: “[...] no meio revista o segmentado por definição, esse processo torna-se mais intenso e influencia a criação de novas editoras. Com essa mudança, o mercado editorial amplia seus olhares e reparte seus esforços com o propósito de alcançar novos públicos” (MIRA *apud* LOOSE e GIRARDI, 2009, p. 131).

Segundo Scalzo (2004), as revistas femininas sempre existiam, no entanto, não apareciam com muito alarde. Eram revistas geralmente escritas por homens e traziam as novidades da moda, da culinária, artigos de interesse em geral, ilustrações, pequenas notícias e anedotas. Nesse período, houve também revistas feitas para mulheres escritas por mulheres que estavam preocupadas com a sua condição de direito na sociedade, no entanto, não duraram por muito tempo.

Então, em 1950, as fotonovelas conquistam os públicos femininos e as mulheres passam a ser vistas no mercado como um público consumidor. No início, a revista não começa do modelo tradicional: novelas, artigos de moda, receita, ideias para decorações e conselhos de beleza. Porém, aos poucos ela vai conquistando seu espaço, surgindo editoriais das mudanças da vida da mulher, como consultas jurídicas, saúde, orçamento doméstico e sexo (SCALZO, 2004).

Scalzo (2004) descreve sua experiência quando surgiu a editoria de sexo na revista *Capricho*:

No final de 1989 dois caminhos se anunciavam para *Capricho*: tentar firma-se no mercado como a melhor opção para jovens da classe C (e brigar com a concorrência) ou desbravar o caminho e tornar-se a primeira revista para adolescentes de (12 a 18 anos) de classe A e B. Escolheu-se a segunda opção. Mais do que falar para uma classe social específica, *Capricho* mudou de tom. Enquanto as picantes *Carícias e Malícias* eram lidas às escondidas pelas garotas, muitas vezes estrategicamente ocultas dentro dos cadernos escolares (o formato de bolso ajudava nisso), *Capricho* tornou-se uma publicação jovem que podia ser lida abertamente, exibida e dividida com as amigas da turma. Ou seja: Identificou com seu público alvo. Falar menos de sexo era um caminho e, quando falar nele fazê-lo de outro jeito, num outro tom, mais discreto, natural e sereno (SCALZO, 2004, p.92).

A educação sexual vem sendo uma questão debatida nos Estados Unidos desde o final do século XIX. No entanto, o debate sobre sexualidade nas revistas começou na mesma época em que os sexólogos progrediam na compreensão do assunto, tendo vigor nos estudos sobre adolescência e a juventude (MIRA *apud* LOOSE e GIRARDI, 2009, p. 237).

Ainda assim, Passerini (*apud* LOOSE e GIRARDI, 2009, p. 237) refere que “[...] o processo que conduz à codificação da adolescência como fase em si atingiu a maturação plena logo após a Segunda Guerra Mundial”. Então, Passerini contextualiza que na década de 1950 a adolescência e a juventude eram associadas à rebeldia, à delinquência juvenil com carros, motos, álcool, festas e baderna. Além disso, a autora diz que o estereótipo do *teenager*⁷ era repleto de elementos que insinuavam á sexualidade, partindo desde os jeans muito apertados às atitudes provocatórias e à ideia de copulação ininterrupta que lhes era atribuída.

Nesse caso, o impacto da descoberta e evolução desta cultura *pop* mudou radicalmente a produção de conteúdo para jovens no mercado editorial, pois o público *teenager* passou a influenciar no conteúdo (MIRA *apud* LOOSE e GIRARDI, 2009, p. 242).

⁷ Elliot Cohen, do New York Times, em 1904, usou o termo “teenager” em seu artigo para se destinar aos adolescentes de uma maneira da linguagem corrente. Informação retirada do artigo da Mira (1997). Disponível em :<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000122361>>.

3. APONTAMENTOS SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO

Toda linguagem está materializada na ideologia e a ideologia se manifesta na própria língua. “Conseqüentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/ para os sujeitos”. (ORLANDI, 2009, p. 17). Dessa maneira, a AD busca entender o sujeito crivado pela ideologia de seu tempo, de seu lugar social, para então o significar(-se).

Para Orlandi (2005), para que se compreenda a AD, é primordial entender o discurso, que não é apenas uma troca de informação, como apresenta os esquemas elementares de comunicação, mas um processo de significação, uma troca constante em que os interlocutores não se encontram nas extremidades distintas. O discurso são os efeitos de sentidos entre locutores.

Por via do discurso, e também de outras instâncias, a ideologia se materializa. Surgem, então, dois conceitos da AD: formação ideológica e formação discursiva (SILVA, 2005, p.27). Conforme a definição de Silva (2005, p. 27), “a instância ideológica, na reprodução de relações de classes, ocorre por meio da interpelação do indivíduo como sujeito ideológico, interpelação que faz com que o mesmo, sem perceber, ocupe um lugar – o seu – em uma das classes sociais”. Ou seja, as formações ideológicas são capazes de manter as relações que são reproduzidas constantemente e garantidas pelas permanências ideológicas do Estado.

Segundo a mesma autora, “são as formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito em uma dada conjuntura, de acordo com a posição e formação ideológica da qual pertence” (SILVA, 2005, p. 27). Pêcheux (*apud* MOLENA, 2015, p. 14) coloca que:

toda formação discursiva tem o caráter de dissimular na transparência o sentido que nela se forma a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre antes, em outro lugar e independentemente.

O autor conceitua então que o interdiscurso é aquilo que é dito antes, em outro lugar, de uma maneira independente. A memória também acaba sendo responsável pela formulação do discurso e tratada como interdiscurso, pois ela define discursivamente aquilo que já foi pré-constituído (ORLANDI, 2009, p.31).

Para Orlandi (2009), é preciso ter clareza do que é o interdiscurso.

O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E

isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras (ORLANDI, 2009, p. 33)

Com isso, Orlandi (2009, p. 35) cita que a relação de esquecimento é algo que dá a ordem de enunciação, “ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo do nosso dizer formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro”. No entanto, estamos também interpelados pelo esquecimento ideológico, ou seja, inconscientemente somos afetados pela ideologia. Dessa maneira, existe a ilusão de sermos a origem do que está sendo dito.

4. ANÁLISE

Nessa parte do trabalho, será realizada a análise do *corpus*: a editoria sobre sexo da revista “*Atrevida*”, com o nome “*Tudo sobre sexo*”. A edição abordada é a 257, que traz a matéria “*Fatos sobre o HPV*”.

Sequência Discursiva 1

Fatos Sobre o HPV: Ainda não tá ligada em por que é tão importante tomar vacina contra ele? Vem cá, a **Atrê** explica tudinho o que você precisa saber!

A chamada inicial enuncia “*Fatos Sobre o HPV*”. Desse modo, as leitoras são conduzidas para o efeito de sentido convocado da enunciação. O termo “*fatos*” está relacionado a algo que é *verdade*, enunciando às leitoras que os próximos parágrafos irão tratar sobre supostas verdades a respeito do *Human Papiloma Virus*.

O que é dito pela editoria sobre a vacina é tido como verídico, estabelecendo uma aceitação do público adolescente consumidor. O enunciado da **SD1** “*Ainda não tá ligada em por que é tão importante tomar vacina contra ele?*”, está inibindo outras práticas discursivas, como aquelas que se referem que tomar a vacina é importante. No entanto, não pode ser visto como o único método de prevenção.

Segundo Daniel Ramos⁸, para evitar o aparecimento do HPV é importante tomar os seguintes cuidados: uso de camisinha masculina para qualquer tipo de relação sexual (oral, anal, genital), uso de camisinha feminina, rotina do exame preventivo (Papanicolau), evitar fumar, beber em excesso e usar drogas, pois essas atividades debilitam o sistema de defesa do organismo, tornando a pessoa mais susceptível ao HPV.

Outra informação importante diz respeito a qual vacina as adolescentes devem tomar, o que na prática discursiva da matéria não é especificado, como a vacina quadrivalente (previne contra o HPV 6, 11, 16 e 18) ou bivalente (contra o HPV 16 e 18). Seguindo, o próximo trecho em destaque “*Vem cá, a Atrê explica tudinho o que você precisa saber!*”.

A revista *Atrevida* se refere a ela como “*Atrê*”, que seria uma abreviação do nome do periódico. Nessa construção, a revista está impulsionando discursivamente o imaginário de relação de “*revista amiga*” da leitora. Ser amiga da adolescente é uma das características do seu editorial. Nas palavras de Ana Paula Burguer (editora chefe do periódico)⁹,

A adolescência é a fase de maiores mudanças e descobertas da vida. E, por isso mesmo, de mais dúvidas e incertezas. A *Atrevida* é um guia para atravessar esta fase sem traumas. Ela entra no universo das meninas e se torna parte deste mundo tão vasto e PARTICULAR. A *Atrê* entende que cada garota é única e incentiva o autodescobrimento e a autoestima, que é tão cheia de altos e baixos quando se é adolescente.

Assim, a revista utiliza de recursos na linguagem, para se aproximar do seu público e, no caso, ajudar as adolescentes a entenderem sobre o sexo e passarem dessa fase particular, complicada e cheia de questionamentos. No entanto, isso vale apenas para as mulheres.

Na sequência discursiva, é apresentado o termo no grau sufixo do diminutivo “*tudinho*”. Os diminutivos não indicam somente diminuição de tamanho, dependendo como a palavra está inserida no contexto, ela pode assumir outras significações.

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais (VERÍSSIMO *apud* CUNHA, 2014, p. 992).

⁸ Informação retirada do Portal Instituto do HPV. Guia do HPV. Disponível em: <<http://www.incthpv.org.br/SobreHpv/Default.aspx>> Acesso em: 6 de abril de 2016.

⁹ Informação retirada do *mídiakit* da revista *Atrevida*

O uso do diminutivo é bastante expressivo e pode desempenhar várias funções semânticas, portanto, o seu uso não deve ser interpretado apenas como uma função gramatical. Em relação à palavra “*tudinho*” apresentada na revista *Atrévida* há a formulação de um conceito que, ao mesmo tempo em que busca ter aspectos de afetuosidade, também soa como precavido de usar outro tipo de linguagem, inibindo, por exemplo, uma linguagem científica específica.

O uso do sufixo “*inho*” silencia o sentido de “tudo” sobre a prevenção. O questionamento presente é que o uso da expressão “*tudinho*” se remete ao assunto abordado na editoria da revista “*Tudo sobre sexo*”. O adjetivo “*tudinho*” mostra esta relação amistosa e de proximidade com a leitora, tal como a expressão “*Atrê*”, que impulsiona via discurso à relação de amizade. Assim, a revista se torna “próxima” do público leitor e assume o papel de confidente, para que ela possa ser bem vista neste assunto que é tabu, criando a ideia de verdade.

Segundo Orlandi (2009, p. 42), “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem”. Dessa forma, verifica-se que o efeito de sentido do discurso “*tudinho*” é modificado, ou seja, não está somente transmitindo o sentido de que a revista está explicando tudo para leitora, mas também que ela está sendo amiga da leitora.

Outra questão é que, a partir da década de 1980, os periódicos começam a segmentar as editorias das revistas, surgem, então, os temas de mudanças da vida da mulher, como consultas jurídicas, saúde, orçamento doméstico e sexo (SCALZO, 2004, p.34).

No entanto, atualmente ainda é possível observar que a formação discursiva da mídia sobre sexo está posicionada pelas relações interdiscursivas de tabu. Nesse sentido, o determinismo biológico marca o sexo do ser humano. A abordagem sexual deve remeter-se ao modo pelo qual a pessoa expressa sua identidade sexual, não desmerecendo esse papel. Contudo, esse sentido ressalta a masculinidade e a feminilidade como expressão do comportamento, definindo sócio-culturalmente à luz das características como força, agressividade, lógica e independência aproximando do que se espera em um homem; e fraqueza submissão dependência e emoção, aproximando do que se espera do feminino. (TRINDADE e FERREIRA, 2008, p. 418).

Mesmo naturalizando as expressões sobre sexualidade, ainda se percebe desigualdade no “falar” sobre sexo para homens e para mulheres.

A sexualidade, a feminina em especial, foi, e ainda o é, apesar de atualmente vivermos sob outros padrões de moral, ética e comportamento, objeto de interdição em vários campos. Isto porque o processo de formação da nossa sociedade recebeu forte influência da

sociedade ocidental européia que, é pautada na ética moral do Cristianismo, concebeu o corpo e o sexo como lugar de interditos (TRINDADE e FERREIRA, 2008, p. 418).

Mesmo a revista *Atrevida* tentando se colocar no lugar do adolescente, bem como naturalizar a ideia da sexualidade, é possível compreender que a revista não supera alguns interditos a respeito da sexualidade, principalmente quando se trata da sexualidade de meninas adolescentes.

O discurso da editoria está interditado pela ideologia e a determinação histórica dos processos de significações do sexo (ORLANDI, 2009, p.25). Desde há muitos anos em nossa sociedade tudo que está relacionado aos órgãos genitais, à relação sexual e a prazer é considerado algo proibido, pecaminoso e obsceno, portanto, deve ser evitado (interditado).

Desta forma, quando se trata da sexualidade feminina adolescente estas interdições ressoam com maior efetividade. Para Côrrea e Ventura (2006, p, 1505):

No nosso contexto cultural o recurso a tais dispositivos é contraditório e paradoxal. Por um lado, lógicas familiares e comunitárias, representações e discursos sociais mais amplos, concebem a adolescência como momento ideal para inculcar padrões de gênero, de sexualidade e reprodução que repetiriam os adotados por gerações anteriores. Por outro lado, a noção de centralidade do indivíduo e de autonomia da ‘tradição moderna’ ocidental, se incorpora nos discursos e nas práticas difundindo uma concepção de adolescência radicalmente oposta, que prioriza a individuação e a experimentação da autonomia e da liberdade.

Embora a transição da infância para a vida adulta seja um fato biológico, os procedimentos simbólicos, discursivos e práticos que a sociedade busca para abordar esta etapa da adolescência e de descobrimento do corpo ainda são muito escassos. (CÔRREA e VÊNTURA, 2006, p, 1506). Portanto, o objeto de análise, revista *Atrevida*, deveria estar servindo de alicerce na educação sexual, no entanto, ela também está de maneira minuciosa está inibindo pautas sobre sexualidade.

Nesta perspectiva, e a partir dos estudos de Vam Dam (*apud* JIMÉNEZ, 2001, p. 56), o discurso sobre as doenças sexualmente transmissíveis são associados à promiscuidade sexual, provocando estigma moral e social nas pessoas que as contraem, levando à deterioração de seus relacionamentos e desvalorização social. Como consequência algumas mulheres optam por não procurar os devidos cuidados médicos.

Sequência Discursiva 2

1 O HPV é um vírus que ataca as células da pele e da mucosa, que pode formar tumores pequenos ou verrugas na pele ou nos genitais, que geralmente são pequenas e não trazem problemas à saúde. Porém, se a área infectada for mucosa do colo do útero, da vagina, do pênis ou do ânus, o vírus pode induzir

a formação de tumores malignos, gerando doenças mais sérias, como, por exemplo, o câncer de colo do útero e o câncer anal.

O discurso presente na **SD2** é relativo ao campo científico da Medicina. São efeitos de sentidos já-ditos, ou seja, o discurso não é próprio da linha editorial da *Atrevida*, mas sim de outras posições discursivas (outras formações). Ainda assim, deve ser considerado que o discurso científico não se isenta da construção ideológica e histórica.

Para Orlandi (2009, p. 35), o esquecimento ideológico é a instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento, temos a ilusão de ser a origem do que dizemos. O conectivo adversativo “*Porém*” é utilizado nessa sequência como um operador de sentido, remetendo ao interdiscurso com relações interdiscursiva da Medicina para transmitir a ideia de que esta doença é perigosa. Ou seja, este “*Porém*” marca uma prática discursiva contraditória e oposta ao que foi exposto nos trechos anteriores da matéria.

A **SD2** trata da prática discursiva “*doenças mais sérias*”, e a palavra “*câncer*” aponta um discurso carregado de negatividade no texto (eixo disfórico). Os termos adotados causam desconfortos, pois o discurso do “*câncer*” se remete aos sentidos que a sociedade impulsiona.

A prática discursiva do termo “*câncer*” permite a associação de vários efeitos de sentidos. Haja vista que o “*câncer*, além de ser uma enfermidade crônica que ameaça a vida, é uma doença que simboliza o desconhecido, o perigoso, o sofrimento, a dor e a culpa”. (MALTA, 2007, p. 7).

De acordo com Orlandi (2009, p. 33), todo o saber discursivo, isto é, todo o eixo de memória que (re)produz os dizeres, sempre é constituído ao longo da história, e é esse fato que torna possível toda a tomada do dizer. Verifica-se, então, que somos constituídos por este eixo de memória desfavorável do câncer. O INCA¹⁰, por exemplo, mostra que a cada ano mais de 12,7 milhões de pessoas no mundo são diagnosticadas com câncer e 7,6 milhões de pessoas morrem vítimas dessa doença.

Sequência Discursiva 3

O vírus é contraído através do contato de pele com pele, quando há pequenas lesões, cortes ou aranhões, que permitem que eles entrem no organismo.

¹⁰ Informação retirada do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoes_programas/site/home/internacional/declaracao_mundial_contra_cancer>. Acesso em: 6 de abril de 2016.

Sequência Discursiva 4

O uso de camisinha é importante para prevenção do HPV. E mesmo assim a proteção não é 100% garantida, pois a transmissão se dá pelo contato direto da pele com a mucosa infectada, ou seja, pode haver a transmissão sem a penetração.

Nessas práticas discursivas, o discurso é especializado, trazendo informações sobre prevenção e contágio do vírus HPV. No entanto, ele silencia a ideia da editoria “*Tudo sobre sexo*” que seria produzir um discurso sobre sexo, cujo efeito de sentido fosse compreendido pelos(as) adolescentes.

O período da adolescência é conhecido por grandes mudanças, dúvidas e incertezas e o tema que levanta mais questionamentos é o sexo. Então, por que não falar sobre ele? Observa-se, a partir desse questionamento, a necessidade de se (re)produzir discursos alertando os riscos do HPV, porém, não é só essa informação de que os leitores necessitam.

O discurso da revista informa que “*O vírus é contraído através do contato de pele com pele, quando há pequenas lesões, cortes ou aranhões*”. Esse discurso baseado no discurso da Medicina está correto, a principal forma de transmissão realmente é no contato, pele com pele, através da relação sexual. No entanto, não é a única forma de transmissão do HPV.

Segundo Luchesi¹¹, a transmissão também pode ocorrer quando há contato pele-mucosa e mucosa-mucosa sem que se tenha, obrigatoriamente, uma relação sexual.

Portanto, o “alerta” não se vale apenas para relação sexual, contato com roupas íntimas que estejam contaminados com HPV também facilitam o contágio, bem como a cera da depilação que, se estiver sendo reutilizada, também pode ser um meio de contágio, entre outras possibilidades.

A importância do uso da camisinha para não se contrair HPV é algo que é apontado na sequência discursiva 4. Apesar de as pessoas já terem conhecimento que a camisinha é o método mais eficaz de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, como AIDS, alguns tipos de hepatites, sífilis e evitar gravidez não desejada, ainda é necessário campanhas de prevenção que indiquem a importância do uso do preservativo. Essas campanhas são colocadas em práticas na época festiva do Carnaval, como se o indivíduo só estivesse sujeito a engravidar e/ou contrair doenças sexualmente transmissíveis nesse período.

Nesse ano, a campanha de Prevenção no Carnaval 2016 era sobre a Aids:

¹¹ Daniel Luchesi é ginecologista da Clínica “Livon” de Joinville, Santa Catarina. Disponível em: <
<http://www.clinicalivon.com.br/midia/formas-inocentes-de-contrair-hpv-que-voce-nunca-imaginou/>>. Acesso em: 7 de abril de 2015.

A campanha de Prevenção à Aids no Carnaval 2016 tem como slogan *Deixe a Camisinha Entrar na Festa*. Ela reforça o preservativo como a mais importante arma de combate ao HIV e Aids, trabalhando a mensagem de prevenção nas ações pré-carnaval e durante as festas. Entre as peças estão filme, *jingle* para veiculação em rádios e versão estendida da música para os trios elétricos e carros de som.¹²

E embora a prática discursiva da *Atrevida* dirigir a leitora que “o uso de camisinha é importante para prevenção do HPV”, a revista não garante que seu uso é o mais eficaz. Esse discurso está transposto no trecho “e mesmo assim a proteção não é 100% garantida”, isto é, a relação discursiva se contradiz ao texto apresentando. A prática discursiva da revista não se compromete com o seu público leitor, coloca em contradição o que o sujeito do discurso enunciava na SD1 que a revista era uma “amiga” da adolescente. O efeito de sentido agora exposto é de que todo cuidado é pouco quando se trata do vírus HPV.

Sequência Discursiva 5

A vacina é importantíssima, pois é a principal forma de prevenção da doença. Ela deve ser tomada por meninas de 9 a 13 anos e é dada em três doses. Essa é a idade escolhida porque, segundo estudos, é nela que há a maior produção de anticorpos contra o vírus. Portanto, se você ainda não tomou procure uma Unidade de Saúde do SUS, pois é de graça.

A escolha do adjetivo “importantíssima” na SD5 resalta mais uma vez a ideia referida nas sequências discursivas da editoria “*Tudo sobre sexo*” de que tomar a vacina é algo julgado de extrema importância, portanto, as leitoras não devem deixar de se vacinar.

Na continuação do trecho “*pois é a principal forma de prevenção da doença*”, o “*pois*” na oração, fundamentado pela formação discursiva da revista *Atrevida*, remete-se a conjunção coordenada conclusiva, isto é, quando introduz uma oração que exprime consequência. No caso do discurso, verifica-se o efeito de sentido de que, se as adolescentes mulheres não tomarem a vacina quadrivalente do HPV, elas estarão sujeita ao vírus. Entretanto, mesmo o discurso do HPV seja algo preocupante e grave a revista prefere amenizar e silenciar esse discurso.

A parte “*ela deve ser tomada por meninas de 9 a 13 anos*”, por meio de processo discursivo silenciador sobre iniciação sexual, a revista reflete aquilo que, de certa forma, a sociedade não permite dizer sobre a iniciação sexual precoce de meninas e meninos. O início da vida sexual dos brasileiros, em geral, ocorre durante a adolescência. Dados divulgados em 2012 pela Pesquisa

¹² Informação obtida pelo portal de Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/campanhas>>. Acesso em 7 de abril de 2016.

Nacional de Saúde do Escolar (PNSE) mostraram que 29% dos adolescentes entre 13 a 15 anos já tiveram relação sexual alguma vez na vida.

Para Santos *et al* (2012, p. 1):

Homens e mulheres têm iniciado sua vida sexual, em sua grande maioria, na adolescência. Esta faixa etária, definida pela Organização Mundial de Saúde – OMS como compreendida entre 10 e 19 anos, tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores e profissionais da área da saúde sendo considerada uma faixa etária prioritária para ações de promoção, prevenção e proteção à saúde.

Em contrapartida a essas campanhas de prevenção, as adolescentes que iniciaram a vida sexual geralmente buscam se “preservar” e “esconder” a primeira vez não buscando informações sobre orientação sexual. Em alguns casos, como aponta Hugo *et al* (2011, p. 2207), algumas mulheres priorizam o sentimento de “*entrega e amor*” na primeira relação sexual e, ao mesmo tempo em que existe o desejo de se descobrir, também existe a necessidade de se impor a tal questão. Entretanto, a experiência sexual masculina é vista como um provento, sustentado pelo poder da masculinidade. De acordo com este mesmo autor (201, p. 2207), “Estudo revela que jovens tendem a não usar preservativo no início de sua vida sexual e definem esta relação como casual. Os principais motivos alegados para a sua não utilização de modo consistente são: não gostar de usá-los, confiar no parceiro e a imprevisibilidade das relações sexuais”.

A literatura científica propõe que os fatores associados à iniciação sexual dependem muito dos aspectos culturais que o indivíduo está inserido. O mesmo estudo indica também que a escolaridade do jovem também afeta na idade da primeira relação sexual, construindo inversamente a uma relação proposital (HUGO *et al*, 2001, p. 2208).

Outro fator que influencia na vida sexual dos adolescentes são as questões ideológicas passadas pelo discurso religioso, práticas discursivas que limitam a sociedade. Porém, “[...] a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais da saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protelem ao máximo a sua iniciação sexual, tenham responsabilidade e pratiquem sexo com segurança” (CAMPOS *et al*, 2012, p. 2).

A prática discursiva da editoria “*Tudo sobre sexo*” tenta cumprir esse papel de encontrar maneiras de trazer para suas leitoras informações que discutam a sexualidade. Porém, a prática discursiva da editoria em análise apresenta o discurso sobre sexo com alguns silenciamentos e interdições.

No último trecho da sequência discursiva, “*portanto, se você ainda não tomou procure uma Unidade de Saúde do SUS, pois é de graça*”, mais uma vez o discurso inserido da revista *Atrevida* é colocado na posição de pacificadora da situação, como amiga da leitora a editoria de sexo oferece um conselho, mostrando que a vacina é de graça e de fácil acesso, tornando algo simples para uma adolescente procurar se prevenir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar a editoria “*Tudo Sobre Sexo*” e os trechos constituintes da coluna “*Fatos Sobre o HPV*”, da edição n. 257 da revista *Atrevida*, introduz-se que o periódico está como meio formador na educação sexual de meninas na faixa etária de 15 a 19 anos.

É possível concluir que a editoria não esclarece todas as dúvidas e questionamentos sobre sexo das suas leitoras, por mais que ela utilize de um discurso simples, informal e amigável para que as adolescentes tenham uma relação de amizade com a revista, constituindo essa comunicação de cordialidade entre meio midiático e adolescente para que as leitoras se identifiquem e confiem na editoria.

Nesse sentido, em “*Tudo sobre sexo*” verifica-se o uso do recurso dos pronomes substantivos no diminutivo que serve não somente para diminuir uma ação, mas, no caso da coluna, serve para formular outros conceitos como amenizar o assunto sexo e inibir outros discursos, como a linguagem científica específica.

Além disso, o espaço destinado para tratar sobre o assunto é curto, e a revista acaba trazendo apenas informações superficiais já ditas por outros discursos, embasados por outras ideologias. A educação sexual para ser compreendida de maneira ideal deveria ser tratada em casa com os pais e na escola, porém, como foram retratados nos dados do IBGE, cada vez mais os adolescentes estão iniciando a vida sexual cedo, e estes não estão dispondo de educação sexual adequada. Observa-se, então, que as meninas que tenham como o único (mais próximo ou aprofundado) modo de orientação a revista *Atrevida* estão somente com informações superficiais.

Em razão disso, compreende-se que o discurso midiático da revista está interdito, por mais que a revista neutralize o assunto sexo, é perceptível, nas sequências discursivas da coluna, a desigualdade para tratar da sexualidade para as meninas adolescentes. O posicionamento da revista é feito da maneira que só as mulheres deveriam procurar médicos, prevenir-se, cuidar-se e esperar a

idade “certa” para ter relação. Dessa forma, ainda se entende como as relações discursivas do meio estão atrelados a discursos ideológicos passados, como o instituído pela religião, de que todas as questões atreladas ao sexo são pecaminosas, obscenas e que devem ser evitadas.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H.; MARTINS, C. J. Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia. **Revista Educar**, n. 35, p. 63-80, 2009.

ATREVIDA. São Paulo, n. 257, fevereiro 2016.

BAPTISTA, I. C. Q.; ABREU, K. C. **A história das revistas no Brasil**: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. Disponível em:< <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>> Acesso em 20 abr. 2016.

CANO, M. A. T. *et al.* A produção do conhecimento sobre adolescência na enfermagem: período 1983 a 1996. **Rev. Latino Americana**, v. 6, n. 1, p. 91-97, 1998.

CUNHA, H. Diminutivo: o grau que afaga ou afasta. **Philologus**. Rio de Janeiro, n. 60, p. 992-993, set./dez. 2014.

DTS AIDS HEPATITES VIRAIS. **Campanha de carnaval 2016**. Disponível em:<<http://www.aids.gov.br/campanhas>> Acesso em 07 abr. 2016.

HUGO, T. D. O. *et al.* Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. **Cadernos Saúde Pública**, vol. 27, n. 11, p. 2207-2214, 2011.

LOOSE, E.B.; GIRARD, I. M. T. A segmentação das revistas e a temática ambiental. **Revista de estudos da comunicação**. Curitiba, n.22, p.131-133.2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Declaração mundial contra o câncer**. Disponível em:<http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoes_programas/site/home/internacional/declaracao_mundial_contra_cancer> Acesso em 06 abr. 2016.

MOLENA, C. B; CARMO, S. A. Jornalismo de revista, discurso e moda: um estudo de caso. In: CARMO, A. S. A.; VALÉRIO, A. V. (Org.). **Jornalismo em Análise**. Toledo: Fasul Editora, 2015.

MUNDO ESTRANHO. **Como surgiram as revistas?**. Disponível em:<<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-surgiram-as-revistas.>>. Acesso em 18 abr. 2016.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.



SANTOS, A. D. *et al.* **Sexualidade na adolescência: entre o desejo e o medo.** **Scientia Plena**, vol. 8, n.9, p. 1-9, 2012.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista.** São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, A. S. M. Sobre a Análise do Discurso. **Revista de Psicologia da Unesp**, n. 4, p. 17-27, 2005.

TRINDADE, W. R.; FERREIRA, M. A. Sexualidade Feminina: Questões dos cotidianos das mulheres. **Texto Contexto Enfermagem**, vol. 17, n. 3, p. 417-422, 2008.

VENTURA, M.; CORRÊA. S. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Cadernos Saúde Pública**, vol. 22, n. 7, p. 1505-1509, 2006.

VIVA SAÚDE. São Paulo, n.9, janeiro. 2005.